

## **Gabriela, cravo e canela e outro tempero: A homossexualidade**

Antonio Jeferson Barreto Xavier

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

[jeffersonbxavier@hotmail.com](mailto:jeffersonbxavier@hotmail.com).

### **Resumen**

Este estudio tiene el objetivo de analizar la representación de tres personajes homosexuales en el libro *Gabriela, cravo e canela (Crónica de uma pequena cidade)*, del escritor bahiano Jorge Amado. Publicada en 1958, la historia central del libro es la historia de amor entre la bella Gabriela y Nacib, un árabe. La novela está ambientada en la ciudad de Ilhéus, interior de la Bahia, y es considerada por algunos críticos como la novela que marca la fase alegre y sin compromiso político del escritor. Una de las propuestas de este trabajo es observar cómo los personajes están representados: Machadinho, la señorita Pirangi y Fernand, cocinero. Los dos primeros son descritos en la novela como “los funcionarios invertidos de la ciudad” (AMADO 1975: 78), mientras que Fernand: “Una extraña criatura: gordote y robusto, con un bigote encerado de puntas finas, tenía algunos gestos sospechosos, algunos modos afeminados” (AMADO 1975: 339). Será apuntado que el lugar ocupado por estos personajes dentro del romance amadiano es secundario y, a menudo, pasan desapercibidos en la lectura del libro; los personajes aparecen en el romance breve y sin muchos logros, siempre existe el más destacado para las relaciones heterosexuales, por lo que el objetivo de este trabajo es también destacar estos personajes amadianos y contribuir a que Jorge Amado también sea (re) conocido por sus personajes homosexuales. Aun buscaremos discutir si el tratamiento de los personajes homosexuales es un resultado de la influencia de la visión científica de la época respecto de los homosexuales. El libro *Gabriela, cravo e canela: crónica de uma pequena cidade*, permite varias líneas de discusión, ya que: “A partir de los años ochenta, Gabriela [...] pasa a ser destacada en varias perspectivas: desde el punto de vista del erotismo, los procedimientos del psicoanálisis, los procedimientos de relaciones de género” (ALVES 2004: 31). Nuestro trabajo también buscará identificar cómo es la exclusión de personajes homosexuales del discurso central y qué tratamiento se proporciona a estos personajes.

### **Abstract**

This study aims to analyze three gay characters representation in *Gabriela, cravo e canela's* book (a small town chronicle), written by Jorge Amado, a Bahian writer. Published in 1958, the book's central story is the amorous relationship between the beautiful Gabriela and the Arabic Nacib, the novel is set in Ilheus, Bahia countryside and is considered by some critics as the novel that marks the writer joyous and politically uncommitted phase. One of the proposals of this work is to observe how the characters are represented: Machadinho, Miss Pirangi and Fernand, a chef. The first two are described in the novel as the “inverted city officials” (AMADO 1975: 78) while Fernand: “A strange creature: chubby and chunky with a cerecloth fine tips mustache beyond suspicious gestures and some effeminate modes” (AMADO 1975: 339). Point out that the places occupied by these people in “amadiano” novel are secondary and often unseen in the book's reading. People appear quickly in the novel and without many accomplishments, highlighting heterosexual relationships, therefore this work

also aims highlight these “amadianas” characters and contribute to Jorge Amado’s acknowledgment regarding his homosexual characters. We are going to seek question homosexual characters treatment is a result of the time scientific vision influence about homosexuals. Gabriela, cravo e canela’s book (a small town chronicle), allows several discussion lines once: “From the eighties onwards, Gabriela [...] becomes focused from several perspectives: from eroticism point of view, psychoanalysis procedures, gender relations procedures” (ALVES 2004: 31). This work also aims identify how gay characters central discourse exclusion and which treatment is provided to these characters.

## Introdução

A homossexualidade como objeto de estudos literários vem crescendo gradativamente, sendo um tema abordado cada vez com maior liberdade e frequência nas pesquisas acadêmicas. Para Luiz Fernando Braga Júnior “O homossexual, paulatinamente, deixa de ser verbete científico e passa a ser representado no interior de outros discursos, auxiliando na tessitura da pluralidade que rompe com a dualidade hierárquica dos gêneros masculino e feminino”. (BRAGA JÚNIOR *apud* ANTUNES 2006: 34).

Os estudos sobre essa temática teve início no Brasil no final dos anos 80, com trabalhos de autores como Mário Lugarinho, José Carlos Barcelos, Denílson Lopes e outros. Na literatura com análise de obras e personagens, observamos que foi criado um ‘cânone’ de escritores que são leituras obrigatórias para quem discute homossexualidade e literatura, autores como João Gilbert Noll, João Silvério Trevisan, Caio Fernando Abreu entre outros, têm sido objeto de vários estudos. O nosso trabalho ao analisar os personagens homossexuais da obra de Jorge Amado, deseja demonstrar que existem outras obras, de outros autores, que abordam a temática e que também precisam ser estudadas e analisadas.

O livro *Gabriela, cravo e canela* foi publicado pela primeira vez em 1958, e é considerado por muitos críticos literários como o divisor de águas na carreira de Jorge Amado, por começar com esta obra uma fase alegre e politicamente descomprometida do escritor. Na opinião de Ilana Seltzer Goldstein, nessa nova fase “a utopia político-panfletária cede lugar à utopia racial e sensorial, entremeada de humor” (GOLDSTEIN 2003: 153). Essa ruptura, porém, não agrada aos amigos integrantes do Partido Comunista, do qual o autor havia se desligado dois anos antes do lançamento do livro. O próprio escritor em entrevista a Alice Raillard, autora do livro *Conversando com Jorge Amado* confirma,

Então publiquei *Gabriela* - eu decidira escrever uma história de amor, insistindo em que fosse uma história de amor, mas sem abandonar o contexto social, a questão da realidade brasileira. Escrevi, pois *Gabriela*. Aí, vários responsáveis do PC, alguns que até então eram meus amigos, claro que sob instruções da direção, [...] atacaram-me violentamente. Trataram meu livro de lixo. (RAILLARD 1992: 264-265, grifos do original).

A nova fase do escritor, porém, agrada os leitores e os críticos literários, que até então, classificavam a obra amadiana como simplesmente panfletária. Para a pesquisadora Ívia Alves com *Gabriela*, Jorge Amado “inaugura novos procedimentos técnicos de narrativa, em paralelo a um tom ‘risonho’ e de certa cumplicidade com os marginais e a camada baixa da sociedade” (ALVES 2007: 118). Nas palavras do antropólogo Roberto DaMatta: “Assim, a partir de Gabriela, já não se trata mais de falar de história e de

eventos políticos, mas de aproximar e mesmo confundir a obra literária com a vida diária e com todas as instituições permanentes da sociedade brasileira” (DAMATTA 1997: 131).

O sucesso de *Gabriela, cravo e canela* pode ser comprovado pelos números, teve os primeiros 70 mil exemplares esgotados em seis meses, e um ano seguinte à sua publicação rendeu ao autor cinco prêmios, vale ainda ressaltar que é a obra mais traduzida do escritor baiano, podendo ser lida em 29 idiomas, é também a obra que teve mais adaptações para a televisão e já vendeu mais de 2 milhões de exemplares no Brasil. “A história do romance passa-se em Ilhéus, no ano de 1925, momento que há prosperidade do cacau, em que agricultores e exportadores estavam enriquecendo e gerando transformações na região” (GOLDSTEIN 2003). O romance é composto por uma miscelânea de personagens e histórias, o próprio autor na primeira parte anuncia que o livro tem “histórias variadas para todos os gostos” (AMADO 1975), a exemplo da criação do porto da cidade e o progresso personificado no exportador Mudinho Falcão, assassinatos, tocaias e brigas entre coronéis, e a linda história de amor da mulata Gabriela e do sírio Nacib. E no meio de todas essas histórias “Amado encontra lugar para uma breve referência, pejorativa, à homossexualidade viciosa” (ALMEIDA 2000: 15), sobre esse tema falaremos na próxima sessão desse trabalho.

### **O tempero que Jorge Amado esqueceu: a homossexualidade**

O desejo de discutir sobre a representação dos personagens homossexuais do livro *Gabriela, cravo e canela* parte da constatação de uma ausência de estudos em relação à temática na obra do escritor baiano, assim como, observar que esses personagens muitas vezes passam despercebidos na leitura da obra, uma vez que, o que tem destaque na narrativa são as relações heterossexuais, os relacionamentos amorosos dos coronéis com as quengas do famoso bordel Bataclan. Temos como objetivo, contribuir para que haja uma visibilidade desses personagens, que são eles: Miss Pirangi, Machadinho e Fernand. Buscando então, demonstrar que lugar eles ocupam no romance e que tratamento lhes são dispensados.

Os personagens Miss Pirangi e Machadinho, na verdade não chegam aparecer de fato no romance, são apenas mencionados por outro personagem o Nhô-Galo. Quando Nacib fica sem cozinheira e sem saber o que fazer para atender os clientes acostumados com os quitutes servidos no seu bar Vesúvio, Nhô-Galo que também é cliente do bar e amigo de Nacib, sugere que este contrate os “invertidos oficiais da cidade” (AMADO 1975: 78), assim são conhecidos Miss Pirangi e Machadinho “invertidos”. Sobre esse termo Leonardo Diogo Cardoso Nogueira Machado afirma:

O termo “inversão sexual” aparece pela primeira vez na segunda metade do século XIX. Em 1869, Carl Westphal escreveu “Die Konträre Sexualempfindung” sendo em seguida a vez de Havelock Ellis de utilizar o conceito de “inversão sexual” para dar conta de casos em que o desejo sexual do indivíduo é dirigido ao mesmo sexo. Ora, o processo de concepção e utilização deste termo reflete o tipo de filosofia em relação ao sexo no interior da qual se inserem os médicos responsáveis por seu nascimento. Neste sistema em que sexo, gênero e práticas sexuais estavam intrinsecamente ligados, a inversão se manifesta pela descontinuidade do sexo anatômico e dos impulsos sexuais. (MACHADO 2010: 46)

Assim, o sujeito que escapa da norma e não realiza a ligação sexo-gênero-práticas sexuais serão vistos como anormais e doentes, ou como aparece no romance *Gabriela*, “invertidos”, logo podemos apontar que a obra amadiana apresenta terminologia da medicina legal para se referir aos personagens homossexuais. Outra referência que temos aos personagens homossexuais está no excerto abaixo:

O mulato Machadinho, sempre limpo e bem arrumado, lavadeira de profissão, em cujas mãos delicadas as famílias entregavam os ternos de brim branco HJ, as camisas finas, os colarinhos duros. E um negro medonho, servente na pensão de Caetano, cujo vulto era visto à noite na praia em busca viciosa. Os moleques atiravam-lhe pedras, gritavam-lhe o apelido: “Miss Pirangi! Miss Pirangi!”. (AMADO 1975: 78)

Ainda que apareçam de forma breve e representados pela voz de outra personagem e descritos pelo narrador, os personagens aqui analisados não escapam do escarnecimento. É usado indevidamente o substantivo feminino “lavadeira” para se referir a Machadinho, que independentemente da sua prática sexual, é um sujeito masculino, logo, não deveria ser chamado de lavadeira, uma vez que, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa lavadeira significa “mulher que lava roupa com as mãos”, podemos assim concluir que foi uma maneira pejorativa do narrador ao se referir a Machadinho, ao se referir ao personagem masculino como se este fosse uma mulher, o narrador representa o imaginário social que todo homossexual masculino é uma “mulherzinha” ou que assim deseja ser, quando sabemos que essa é uma visão errônea e imbuída de preconceitos.

Ainda nesse mesmo trecho observamos ainda que o narrador apresenta o personagem como viciado, diz que esse sai à noite em busca “viciosa”. A visão da heterossexualidade como natural e de uma norma a ser seguida, não permite aos sujeitos outras práticas sexuais, assim, toda forma de sexualidade que não se encaixe nesse imaginário é tida como desviante ou patológica (CECCARELLI 2000) ou ainda classificado como invertido, doente ou viciado. Em relação à concepção da homossexualidade como vício, doença ou algo parecido, Sigmund Freud, o pai da psicanálise, ao responder a uma mãe americana que lhe escrevera uma carta pedindo conselhos sobre a homossexualidade do filho, respondeu com as seguintes palavras:

A homossexualidade não é, certamente, nenhuma vantagem, mas não é nada de que se tenha de envergonhar; **nenhum vício**, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual. (FREUD *apud* JONES 1979: 739, grifo nosso).

E em outro momento, Freud comenta a homossexualidade segunda a sua percepção:

Eu tenho a firme convicção que os homossexuais não devem ser tratados como doentes, pois uma tal orientação não é uma doença. Isto nos obrigaria a qualificar como doentes um grande número de pensadores que admiramos justamente em razão de sua saúde mental [...] os homossexuais não são pessoas doentes. (FREUD 1905: 14)

Como podemos observar nos dois excertos acima, nem mesmo Freud, há muitos anos atrás, considerou a homossexualidade como doença, perversão ou vício, como aparece na romance amadiano. Os personagens que estamos analisando não têm direito a voz, são rotulados e discriminados pelo o narrador e outros personagens que se sentem no poder de classificá-los e descrevê-los de maneira que conduza o leitor a vê-los como anormais e fora da norma, uma vez que segundo Guacira Lopes Louro:

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como “o segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. (LOURO 2007: 15-16)

Os personagens Machadinho e Miss Pirangi são os “outros” na obra de Jorge Amado, por dois motivos, além de serem considerados como desviantes da norma heterossexual, eles são os “outros” por conta da raça, são negros. O narrador faz questão de pontuar a cor da pele dos personagens “O mulato Machadinho” (AMADO 1975: 78) e para se referir a Miss Pirangi “um negro medonho” (AMADO 1975: 78), o último personagem surge então como aquele que inspira medo, um sujeito funesto. Sobre as representações do negro na obra de Jorge Amado, David Brookshaw reflete:

Assim, o negro é estereotipado como um ser hercúleo, instintivo, violento, mas inocente, assemelhando-se, às vezes, a um escravo (especialmente quando se depara com a beleza de mulheres brancas ou aparentemente brancas) com todos os seus excessos, **ele nunca é descrito por Amado como uma pessoa normal**. Se o fosse, presumivelmente, então, deixaria de ser negro. (BROOKSHAW 1983: 142, grifos nossos)

Outro personagem que nos interessa nesse trabalho é o chefe de cozinha, Fernand. Após Nacib se separar de Gabriela depois de encontrá-la na cama com Tonico Bastos, o árabe fica preocupado com o comando da cozinha do seu restaurante e sem Gabriela, a preocupação ainda é maior por conta dos preparativos para a inauguração do restaurante. O sócio no empreendimento, o exportador Mudinho Falcão, sugere a Nacib que seja contratado um cozinheiro ou cozinheira de fora da cidade, uma vez que havia uma escassez de boa cozinheira em Ilhéus no ano de 1925. Inicialmente o dono do Bar Vesúvio relutou, mas acabou aceitando e assim chega Fernand a Ilhéus, vindo do Rio de Janeiro, ganhando um belo salário, para substituir Gabriela na cozinha.

Logo na sua chegada, Fernand é classificado pelo o narrador como “estranha criatura” (AMADO 1975: 339), causando estranheza para aquele que viria a ser o patrão, o árabe Nacib, como podemos confirmar com o trecho:

Nacib embasbacou-se ante o cozinheiro. Estranha criatura: gordote e troncado, com um bigodinho encerado de pontas finas, tinha ademanos suspeitos, uns modos afeminados. Importantíssimo, com uma arrogância de grão-duque, exigências de mulher bonita. (AMADO 1975: 339)

A estranheza causada pelo jeito de Fernand que “tinha ademanos suspeitos, uns modos afeminados” (AMADO 1975: 339) justifica-se pela ideia compartilhada na sociedade da época, e porque não dizer na sociedade de hoje, de que homem para ser ‘homem de verdade’ não deve apresentar determinados comportamentos estabelecidos, em outras palavras, tem que se afastar do feminino, do efeminamento. Dentro dessa concepção heteronormativa “ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual [...] não ser efeminado na aparência física ou nos gestos” (BADINTER 1993: 117 *apud* DUTRA 2003). Nesse momento há na voz do narrador uma tentativa de marcar a sexualidade e a identidade de gênero a partir do corpo e gestos do cozinheiro, como se isso fosse o suficiente para defini-lo, ideia compartilhada em nossa sociedade, para Guacira Lopes Louro:

Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam. [...] O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcados das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com padrões culturais) e aqueles que ficam fora dela, às margens. (LOURO 2007: 15)

Logo, o nosso cozinheiro Fernand fica às margens da sociedade e da obra, uma vez que foge da norma (heterossexualidade). Esse não enquadramento ao padrão é sinalizado pelo espanto de Nacib ante o jeito do chefe de cozinha. Notamos que mais um personagem homossexual aparece no romance e imediatamente é classificado, dessa vez como “estranha criatura”. Os clientes do bar Vesúvio já eram acostumados com o tempero de Gabriela e a comida de Fernand não é bem recebida pelos clientes de Nacib, que logo fica preocupado quanto ao sucesso do restaurante, no entanto, sem outra opção, o cozinheiro permanece chefiando a cozinha.

Mas, que fazer? O homem estava ali, ganhando ordenado e importância de príncipe, impando de importância e impertinência, a cacarejar em francês. Punha uns olhos lânguidos em Chico Moleza, o rapazola já o ameaçara com uns trancos. (AMADO 1975: 341)

Sobre o personagem Fernand, em sua análise sobre a temática da homossexualidade na obra de Jorge Amado, a pesquisadora Ana Luiza Rodrigues Antunes conclui que “Fernand é reduzido ao ridículo em todos os seus atos, despido de qualquer dignidade, caricaturizado em sua tentativa de dar-se importância por conta de seus dotes culinários” (ANTUNES 2009: 24). Há na obra diversas cenas com insinuações sexuais e sexo entre as personagens heterossexuais, às vezes de forma demasiada, porém, Jorge Amado não achou espaço para o desejo homossexual. “Contrasta a forma de representação do homoerotismo com a que o autor faz das manifestações heterossexuais, essas exaltadas e retratadas com minúcias, de maneira explícita e despida de preconceitos” (ANTUNES 2009: 68), talvez por achar que esse tipo de desejo não é normal, pensamento compartilhado na sociedade heteronormativa uma vez que:

A heterossexualidade é concebida como “natural” e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Consequentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais. (LOURO 2007: 17).

No romance amadiano observamos nitidamente que os personagens que não se enquadram na heterossexualidade, são estereotipados e vistos como, anormais, peculiares, viciados e invertidos sexuais. Enquanto a cozinha era chefiada por Fernand, Gabriela morria de amores por Nacib e de ciúmes de Fernand, por achar que este tomou seu lugar que era de direito na cozinha. Observando que Gabriela só andava triste, um sujeito alcunhado de Sete Voltas, apaixonado pela mulata, resolve ajudá-la, mesmo sabendo que a sua ajuda levaria a sua amada para perto de Nacib. Arquetetam um plano: sumir com o cozinheiro no dia da festa, criando assim, a oportunidade de Nacib chamar Gabriela de volta para cozinhar. Assim é feito, no dia da festa, Sete Voltas desaparece

com Fernand, o que causa grande alvoroço na cidade de Ilhéus, surgindo comentários e hipóteses a exemplo da apresentada no excerto:

João Fulgêncio e Nhô-Galo desfilavam hipóteses. O cozinheiro, pelo o jeito e pelos olhares lançados a torto e a direito, **era decididamente invertido**. Andava rondando Chico Moleza. O delegado interrogou o jovem garçom que se danou:

–Gosto é de mulher!... Não sei nada desse chibungo. Outro dia quase lhe meto o braço; ele se fez de besta.

(AMADO 1975: 346, grifos no nossos)

Nesse trecho do livro *Gabriela, cravo e canela*, chamamos atenção para o uso mais uma vez do termo invertido para se referir ao personagem homossexual. Além desse termo, temos nesse fragmento o termo chibungo, que aparece aqui com a grafia diferente de outras obras do autor, que geralmente traz a palavra escrita xibungo, mas que independente da sua grafia, essa palavra é usada de forma recorrente na obra do escritor baiano para se referir a personagens homossexuais masculinos e passivos, enquanto os ativos são chamados de fanchonos.

Outro fato que nos chama atenção é a pressa de afirmação da heterossexualidade por parte do garçom que fora assediado pelo o cozinheiro “Gosto é de mulher!...” (AMADO 1975: 346) a necessidade de dizer não sou chibungo! Não sou homossexual! Outro fato que nos chama atenção é a demonstração de violência por parte desse personagem ao se referir ao chefe de cozinha Fernand, “outro dia quase lhe meto o braço; ele se fez de besta” (AMADO 1975: 346). Ao sujeito homossexual não é permitido vivenciar seus desejos, há um silenciamento.

Concordamos com Louro: “A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia” (LOURO 2007: 27), a homofobia por sua vez gera morte e violência, funcionando como mais um obstáculo à liberdade e igualdade sexual e de gênero. Segundo informações do Grupo Gay da Bahia, a mais antiga instituição de defesa dos homossexuais do país, liderado pelo o antropólogo e professor da Universidade Federal da Bahia, Luiz Mott, já chega a 165 o número de homossexuais assassinados no Brasil no primeiro semestre de 2012.

O sumiço de Fernand causou diversos comentários como já foi exposto acima. Em determinado momento o personagem João Fulgêncio, acredita que o cozinheiro fugiu por conta própria, por se sentir ‘desolcado’ como podemos verificar no excerto abaixo:

Minha teoria é que o nosso respeitável chibungo fez as malas e arribou por conta própria. Bateu as asas. Não sendo Ilhéus terra dada a esses requintes de bunda, bastando, para o pouco gasto, Machadinho e Miss Pirangi, sentiu-se ele deslocado e mudou-se. Fez bem, aliás, livrou-nos em tempo de sua **asquerosa presença**. (AMADO 1975: 346, grifo nosso)

No trecho acima, observamos que a maneira que o personagem se refere a Fernand, é de forma preconceituosa e pejorativa. Ao falar que, com o desaparecimento o chefe de cozinha livrava-os de sua ‘asquerosa presença, nos chama atenção o fato da presença de Fernand incomodar. Mesmo tendo uma profissão, um nome, e pose de importante, sendo respeitado pelos dotes culinários. A verdade é que a sua possível orientação sexual incomodava os personagens homofóbicos e heterossexistas da famosa obra de Jorge Amado. O sumiço de Fernand é um recado simbólico, ainda que Ilhéus estivesse no auge do progresso e da modernização, não há espaço para aqueles que não se

enquadram na heteronormatividade, assim como não há muito espaço no romance amadiano e na nossa sociedade.

### Considerações finais

O romance amadiano *Gabriela, cravo e canela* é um livro que aborda várias temáticas e pode ser considerado como precursor no que tange assuntos como: a liberdade da mulher; o declínio do poder dos coronéis; realizando ainda várias críticas a conjuntura sócio-cultural de Ilhéus da época. O livro termina, por exemplo, com a prisão do coronel Jesuino, condenado pela morte da mulher e do amante, algo inédito nas terras ilheenses, mostra ainda a derrota do Coronel Ramiro Bastos e com sua morte simboliza a morte do coronelismo e do poder dos coronéis, dando lugar a uma nova forma de se fazer política, e o progresso da cidade. Contudo, no que diz respeito à homossexualidade não houve o mesmo cuidado do autor, os personagens homossexuais continuaram fora do discurso central, como pode ser visto em outros romances do escritor baiano, os homossexuais continuam sendo silenciados pelo discurso heterossexual que ocupa todo o romance, não abrindo possibilidade para que os homossexuais tenham espaço e voz na obra.

Em seu livro *Romântico, Sedutor e Anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje*, Ana Maria Machado diz que “O que romance amadiano nos traz são personagens marginais, injustiçados pela sociedade, que se recusam a continuar excluídos da literatura ou vistos de cima com um olhar condescendente. Conquistam seu próprio espaço e avançam para o primeiro plano.” (MACHADO 2006: 70). Discordamos de Ana Maria Machado por concluirmos que isso não ocorre com os personagens homossexuais que continuam em nossa opinião, excluídos da literatura amadiana. Acreditamos que não é suficiente que esses personagens apenas ‘apareçam’ no romance, o mais importante é de que forma aparecem, o que fazem e como são tratadas dentro da narrativa. Com a nossa análise podemos verificar que há um silenciamento e em nem um momento é permitido que eles saiam do segundo plano e avançam para o primeiro, e tenham ou ocupem os mesmos espaços das personagens heterossexuais.

O pesquisador Adilson da Silva Corrêia, que observa as possíveis mudanças quanto ao tratamento aos personagens homossexuais nas traduções do romance *Gabriela*, em seu artigo *A boemia da exclusão: referências homossexuais na tradução de Gabriela, clove and cinnamon*, confirma o nosso pensamento de que há uma exclusão das personagens homossexuais do centro da narrativa, assim como, o silenciamento dos mesmos, e que pode ser notado até mesmo nas traduções da obra:

No tocante às referências homossexuais [...], constituem-se em passagens rápidas, tanto na *Gabriela* de língua inglesa, quanto na de língua portuguesa, e o espaço de voz para a defesa dos personagens homossexuais, inexistente, ficando a mercê das várias interpretações, na maioria das vezes maldosas, e dos comentários dos outros personagens, o que cria uma margem altíssima de desvozeamento homossexual na obra. No entanto, em ambas as leituras, observa-se a forte carga de preconceito e de estereótipos produzidos pela conduta homossexual, no sentido de haver na tradução uma confirmação do que se lê no texto original. (CORRÊIA 2006).

A pesquisa de Corrêia (2006) corrobora com o nosso pensamento de que os personagens homossexuais na obra de Jorge Amado ocupam um lugar secundário, aparecem de forma breve, não tem direito a fala e não realiza nem um feito durante a narrativa e



usando as palavras do pesquisador há “um desvozeamento do homossexual na obra”, é sempre outros personagens que falam dos homossexuais e em sua maioria as falas são carregadas de preconceitos. Lamentamos que o escritor baiano não tenha dado a atenção devida a esses sujeitos, tão perseguidos e marginalizados na sociedade heterossexista.

## Referências

AMADO, Jorge. *O menino grapiúna*. Ilustrações de Floriano Teixeira. Edição especial. Rio de Janeiro: Record, 1982.

\_\_\_\_\_. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. 50. ed. São Paulo: Martins, 1975.

ANTUNES, Ana Luiza Rodríguez. *Homossexualidade: A mestiçagem Que Jorge Amado Não Viu Um Estudo Sobre As Personagens Homossexuais nos Romances De Jorge Amado*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2009. Tese de Doutorado. Disponível em [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=154283](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=154283).

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Gabriela- Um ícone denso e tenso na política da raça, gênero e classe em Ilhéus, Bahia*. In: Simpósio “Desafio da Diferença: Articulado Raça, Gênero e Classe, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 9 Abril; e.ACT3, Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 31 de Maio. Disponível em <http://www.desafio.ufba.br/gt1-007.html>.

ALVES, Ívia. *As mudanças de posição da crítica e a produção de Jorge Amado*. In: *Em torno de Gabriela e Dona Flor*. Ivia Alves (Org.). Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2004.

BROOKSHAW, David. *Raça e Cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CECCARELLI, Paulo Roberto. *A invenção da homossexualidade*. In: BAGOAS – estudos gays, gêneros e sexualidades, Natal, 2, 71-93, 2008. Disponível em [http://ceccarelli.psc.br/paulorobertoceccarelli/?page\\_id=163](http://ceccarelli.psc.br/paulorobertoceccarelli/?page_id=163).

CORRÊIA, Adilson da Silva. *A boemia da exclusão: Referências homossexuais na tradução de Gabriela clove and cinnamon*. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/viiiicolf/anais;caderno06-01.html>>.

DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro, 1997.

DUTRA, Flavia Silveira. *Letramento e Identidade: (Re) Construção das Identidades sociais de gênero*. In: MOITA, Luiz Paulo (Org.). *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

GOLDSTEIN, Ilana Seltezer. *O Brasil Best seller de Jorge Amado: literatura e identidade Nacional*. São Paulo: Editora Senac, 2003.

JONES, Ernest. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LOURO, Lopes Guacira. *Pedagogias da sexualidade. In: O Corpo educado, pedagogias da sexualidade.* Guacira Lopes Louro (org). 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MACHADO, Ana Maria. *Romântico, sedutor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

MACHADO, Leonardo Diogo Cardoso Nogueira. *Patologização Do Desejo: O Homossexualismo Masculino Nos Manuais De Medicina Legal Do Brasil Das Décadas De 1940 E 1950.* Monografia de conclusão do curso de História na Universidade Federal Do Paraná. Curitiba, 2010. Disponível em [http://www.historia.ufpr.br/monografias/2010/1\\_sem\\_2010/leonardo\\_diogo\\_cardoso\\_nogueira\\_machado.pdf](http://www.historia.ufpr.br/monografias/2010/1_sem_2010/leonardo_diogo_cardoso_nogueira_machado.pdf)

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado.* Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1992.